

Filme "O Código Da Vinci" decepciona a crítica

Selecção de críticas cinematográficas da imprensa internacional sobre o filme “O Código Da Vinci” em “Acepresa”

24/05/2006

A esperada grande produção de Columbia (125 milhões de dólares sem contar com as despesas de marketing) sobre o bestseller de Dan Brown aborreceu e decepcionou os

críticos que a viram em Cannes, onde foi a “première” mundial.

A polémica provocada pelo filme parece afinal artificial ao crítico do New York Times, A.O. Scott. “Parte da engenhosa estratégia de marketing de Columbia foi estimular meses de debate e especulação sem permitir a ninguém ver o filme até ao último minuto”...

Deixando aparte as teorias de Brown sobre as origens do cristianismo, diz Scott. O Código Da Vinci é um filme de intriga policial. “E como tal, uma vez que arranca, tem momentos divertidos”. Mas demora muito tempo em arrancar, e é muito longo: “É uma das poucas adaptações cinematográficas dum livro que pode demorar mais tempo a ver do que a ler”.

O par protagonista, Tom Hanks e Audrey Tautou, é frouxo. Felizmente, aparece logo Ian McKellen, no papel

de Leigh Teabing, para dar um pouco de vida ao filme com uma interpretação histriónica (“Teabing é fâscante e paternal, e no momento seguinte ulula enlouquecido”). “Um pouco mais disto – um sentido mais apurado da sua ridicularia- teria dado ao Código Da Vinci um pouco da ligeireza dum antiquado thriller europeu da alta sociedade”.

E quanto ao fundo do enredo, “(o realizador Ron) Howard e (o guionista Akiva) Goldsman manejam o supostamente provocativo material do livro de Brown com luvas de seda, para finalmente estabelecer umas conclusões nada atrevidas, apresentadas com a maçadora sentenciosidade do costume. Por isso, com certeza não apoiarei nenhuma incitação ao boicote ou aos protestos contra este sobreacarregado, trivial e inofensivo filme. O que não significa que recomende o ir vê-lo”.

Por seu lado, Kirk Honeycutt (O repórter de Hollywood) pensa que as conclusões apresentados pelo filme parecem a uns melhores e a outros ainda mais forçadas do que as teses do livro. Como exemplo do segundo, anota: “A revelação final causou alguns risos na primeira projecção para a imprensa”.

Honeycutt, além do mais, também considera o filme de pouco entretenimento. “O enredo avança não graças aos personagens, mas a base de soluções de enigmas, decifração de mensagens, interpretação de referências encobertas em obras de arte e deslumbrantes demonstrações de erudição histórica, tudo isto funciona bem no romance mas trava toda a acção no ecrã. A personagem de Hanks é demasiado secundária contemplativa para o herói dum filme de acção, e os que deambulam entrando e saindo da sua órbita são

clichés que se movem com demasiada simpleza”..

Com personagens que parecem mais abstracções do que seres de carne e osso, um ponto fraco é a motivação. “Porque razão foge o inocente professor (Langdon)? Porque se mostra Sophie tão disposta a ajudá-lo? Porque alguém faz o que faz quando tantas personagens e sub enredos são afinal pistas falsas?”. No fim, “O Código Da Vinci em nenhum momento se eleva ao grau do prazer malicioso. Demasiada malícia. Demasiado pouco prazer”.

Diego Galán, enviado especial a Cannes do jornal espanhol ”EL País”, escreve: “152 minutos de projecção nos quais o filme dá voltas e voltas sobre si mesmo, provocando por momentos a suspeita de que se poderia tratar duma história interminável. O que ao princípio tem o encanto dum dinâmico filme de

aventuras, vai dando lugar a uma peripécia enrevesada e confusa. Essa foi, pelo menos, a impressão deixada na primeira projecção, com que se inaugurou Cannes, pelo que parecia que se tinha tentado mais a repercussão do escândalo do que de critérios de qualidade cinematográfica”

O pior de Cannes

Na sua crónica de Cannes para “Frankfurter Allgemeine Zeitung”, Verena Lueken comenta: “Vinte e quatro horas dura a busca do Santo Graal no livro. Assim de longa se torna exactamente no cinema, ainda que o filme dure duas horas e meia. E não será falta de orçamento. Não se discutiram os custos para levar ao ecrã a história da família fundada por Jesus Cristo.

“Depois desta inauguração, o nível para os filmes que se exibam no Festival de Cannes baixou

extraordinariamente. Tudo o que venha agora vai ser muito mais interessante. O pior, pode-se dizer com total certeza, já passou”.

Segundo Borja Hermoso, de “El Mundo”, mais do que O Código Da Vinci, temos que falar hoje...de “O fiasco Da Vinci”. Prossegue: “O acolhimento de “O Código Da Vinci” aqui, em La Croisette, foi muito menos do que discretíssimo. Na primeira projecção para a imprensa, assobios e até alguns risos. Na segunda projecção, um silêncio educado. Isso sim, pela manhã, uma freira com uma cruz passeava-se pelos arredores do Palácio dos Festivais. E numa igreja de Nice, uns sacerdotes organizaram uma missa para rezar pelos pecadores que fizeram este filme.

Na minha modesta e descrente opinião, pecaram, sim, mas por maçadores”.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/filme-o-codigo-
da-vinci-decepciona-a-critica/](https://opusdei.org/pt-pt/article/filme-o-codigo-da-vinci-decepciona-a-critica/)
(28/01/2026)